



FAMÍLIA SABINO MACHADO: UMA CÁPSULA DO TEMPO DISCURSIVA ABERTA NA ATUALIDADE

Vinicius da Silveira SURIS¹; Magali de Moraes MENTI²

¹ Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (Licenciatura). Unidade Porto Alegre. UERGS ² Professora orientadora. Unidade Porto Alegre. UERGS.

E-mails: vinicius-suris@uergs.edu.br, magali-menti@uergs.edu.br

Resumo

Diante da premissa inusitada de O Tempo Não Para, o congelamento de uma família do século XIX durante um naufrágio e sua gradual adaptação ao século XXI quando todos são descongelados na atualidade, a novela se mostra um material vantajoso a ser explorado pela Análise do Discurso, tendo em vista que um dos grandes apelos da obra reside nas interações discursivas entre os personagens de épocas diferentes. Nesse sentido, buscou-se selecionar as cenas em que os congelados deparam-se de maneira intensa com os elementos aos quais não estavam acostumados em seu tempo, a fim de perceber em seus discursos as marcas ideológicas, sociais e históricas presentes nos mesmos. Como resultado, percebeu-se que cada personagem embora estivesse em outro contexto, preservava a mentalidade pela qual foi moldado, possibilitando ao espectador deparar-se com o contexto social do século XIX por meio dos discursos e refletir sobre as mudanças percebidas na sociedade.

INTRODUÇÃO

Embora as telenovelas existam há décadas, diversas produções ainda conseguem surpreender o público. O Tempo Não Para é um exemplo recente, uma vez que a obra de Mário Teixeira exhibe uma das sinopses mais inusitadas já apresentadas na televisão, o congelamento de uma família do século XIX durante um naufrágio e sua gradual adaptação ao século XXI quando todos são descongelados na atualidade. Diante de tal premissa e o fato de que um dos chamarizes da novela reside nos diálogos contrastantes entre os personagens vindos de épocas diferentes, a presente pesquisa volta-se a Análise do Discurso (AD) para refletir sobre as interações discursivas existentes na novela.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo voltou-se aos capítulos que compreendem as primeiras semanas de exibição da novela O Tempo Não Para a fim de selecionar os discursos a serem analisados, uma vez que nesse entremeio os protagonistas descongelam e começam o processo de reconhecimento e adaptação ao mundo moderno. O foco foi dado para as cenas em que as problemáticas principais de cada personagem são evidenciadas facilmente.

No caso da protagonista romântica Maria Marcolina (Marocas), escolheu-se uma cena do capítulo de 16/08/18 em que a jovem se encontra com Samuel Tercena (Samuca) e se vê diante de um embate entre a sua constituição como mulher do século retrasado com as liberdades femininas as quais ela não estava acostumada. Para a matriarca da família Sabino Machado, uma cena do capítulo exibido em 17/08/18 foi posta a ser analisada. Como Dona Agustina até o momento em que foi congelada se dedicava exclusivamente ao lar, o diálogo entre ela e uma mulher constituída no



10º Siepex Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

século XXI (Carmen Tercena, mãe de Samuca) no qual foi exposta para Agustina uma vida impensada por ela até então se torna pertinente a constar no estudo. O último membro da família a ter seu discurso analisado é Dom Sabino, o patriarca interpretado por Edson Celulari. Se de um lado temos mulheres espantadas e maravilhadas com as liberdades femininas atuais, tal figura traz a assimilação do mesmo fato sob o prisma de um homem moldado há quase um século e meio atrás. Nesse sentido, a cena exibida em 16/08/18 em que o ex-congelado conversa com Eliseu, seu amigo catador de material reciclável do presente, sobre o papel desempenhado pelas mulheres nas duas épocas distintas torna-se pertinente a ser visitada. Após a seleção dos trechos envolvendo os Sabino Machado, viu-se necessário também focalizar no primeiro homem negro a ser descongelado na novela, uma vez que grande parte dos personagens do século retrasado que viriam a ter contato com o nosso tempo eram constituídos de negros escravizados. Sendo assim, recorrer aos instantes iniciais em Menelau acorda nesse novo mundo evidencia-se como um material rico a constar neste estudo, pois o discurso do mesmo possibilita uma perspectiva única sobre algumas questões do século XXI que não seriam abarcadas pelos demais. Para tal, houve a seleção de duas cenas, ambas do capítulo exibido no dia 13/08/18 e que trazem Menelau despertando na Criotec, empresa em que os congelados eram mantidos até acordarem, tendo seu contato inicial com os funcionários do local. Tendo os discursos de cada personagem definidos, optou-se pela linha teórica de Eni Orlandi para amparar a análise do material obtido.

A “ciência de entremeios” (ORLANDI, 2012, p. 19), como denomina a autora, surgiu mesclando “Linguística, Marxismo e Psicanálise” (ORLANDI, 2012, p. 19), com o intuito de se apropriar da perspectiva de cada uma dessas vertentes para oferecer uma reflexão mais completa sobre os textos, após décadas de estudos que não correlacionavam os mesmos com as questões sociais e históricas em que foram produzidos. Dessa junção, um olhar diferenciado sobre uma série de conceitos se ergueu, como no caso da figura do sujeito (ORLANDI, 2008, p. 9), que para a AD se constitui como um indivíduo posicionado em um determinado lugar e num dado aparelho ideológico. Segundo a autora, em virtude da forte interpelação da ideologia, o sujeito acaba por se transformar em um representante de tal aparelho, pautando seu discurso naquilo que beneficia ou não a instituição ao qual está vinculado, como por exemplo, uma empresa, um país etc. Sendo assim, o sujeito estará em constante oposição com os demais interlocutores, reafirmando a sua identidade moldada pelo aparelho ideológico no qual está inserido a partir do que Pêcheux chama de “jogo de imagens” (PÊCHEUX, 1990, p. 83), fenômeno em que o sujeito e o outro interlocutor se questionam mutuamente: “Quem sou eu para lhe falar assim? Quem é ele para que lhe fale assim? Quem é ele para que me fale assim?/Quem sou eu para que ele me fale assim?”. Em suma, percebe-se que a AD cumpriu o seu objetivo de propor um estudo diferenciado sobre o texto, como a colocação de Brandão evidencia “Para a AD, o estudo da língua está sempre aliado ao aspecto social e histórico (BRANDÃO, 2006, p. 6)”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No encontro protagonizado por Marocas e Samuca, a diferença cultural evidencia-se. O rapaz apesar de tentar adotar certos costumes do passado ao afirmar que iria fazer a corte para sua pretendente, insiste em extrapolar as esferas formais da época e tenta extrair de Maria Marcolina uma espécie de confissão de que ela gostava dele. Como a moça explica para o rapaz, em seu tempo: “As mulheres não tinham opinião. Não podiam decidir. Elas eram apresentadas aos seus pretendentes e tinham que se casar.” Por meio de sua resposta, podemos realizar uma série de inferências. Embora ela esteja numa época em que o sexo feminino detém a liberdade de escolha sobre seu parceiro amoroso, Marocas foi constituída como uma mulher do século XIX e como tal



10º Siepex Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

tolhida de perseguir os seus desejos. O correto para aquele momento histórico seria que seus pais somente decidissem sobre o seu futuro amoroso, fenômeno predominante na época e que ainda se reproduz em suas palavras.

Se na fala de Marocas nos deparamos com uma jovem que ainda seguiria os ritos programados para o sexo feminino da época, no discurso de sua mãe encontramos uma mulher que já passou e se moldou por eles. Sua conversa com a personagem Carmen Tercena torna-se elucidante nesse sentido, uma vez que temos a surpresa de Agustina com os relatos das experiências de vida da outra. O diálogo entre elas inicia com a seguinte pressuposição de Dona Agustina sobre a mãe de Samuca, “A senhora de certo é uma mulher casada.” Carmen responde que não, mas que já havia sido. Então a mãe de Marocas parte para uma nova pressuposição ao dizer “Meus pêsames. Aceite minhas condolências.” A partir desse contato inicial, Dona Agustina já evidencia a sua percepção de mundo construída aos moldes do século XIX. Para ela, o fato de que uma mulher ser autossuficiente e não necessitar de um marido é algo difícil de conceber, como aponta a única hipótese formulada por ela, um possível falecimento. Assim, no discurso da personagem transparece o “apagamento” sofrido pelas mulheres da época, tendo sua importância atrelada ao título de esposa. O diálogo travado entre as mulheres segue e outra nuance histórico-social se apresenta nas palavras de Agustina. Quando a mãe de Samuca revela ser divorciada, a personagem de Rosi Campos refuta a ideia de dissolução matrimonial, afirmando convicta que “O que Deus uniu o homem não separa”. Para sua surpresa, Carmen questiona “O quê que Deus tem haver com isso?” e ainda diz que casou apenas no civil, causando um espanto ainda maior na esposa de Dom Sabino, que indaga por fim “Mas como pode não casar na igreja?” Os dizeres da matriarca da família Sabino Machado evidenciam, portanto a sua devoção religiosa e, sobretudo, o papel fundamental que o catolicismo tinha na sociedade do século XIX, influenciando com peso significativo em diversas vertentes na vida das pessoas. O poder que a igreja exercia na época era ferrenho e as unidades familiares eram moldadas e incutidas pelos preceitos religiosos, tornando a sociedade de então indissociável do catolicismo.

No que tange os discursos de Dom Sabino, observamos o pensamento dominante dos homens do século retrasado com relação à diferença entre os sexos e as implicações que isso trazia para a vivência de ambos na sociedade. Em sua conversa com Eliseu, amigo fiel que encontrou ao despertar do congelamento, o pai de Marocas trava um diálogo que se inicia com os elogios do personagem interpretado por Edson Celulari com relação à advogada Mariacarla. Entretanto, os comentários positivos não eram direcionados a sua atuação profissional, mas com relação aos seus atributos físicos apenas. Nas palavras de Dom Sabino, a mulher era “Uma bela dama, bem fornida de carnes, uns olhos pretos de azeviche, as ancas largas... Dará uma excelente parideira!”. Ao assimilarmos tal trecho, já podemos inferir que uma das funções primárias atribuídas às mulheres pelos homens contemporâneos a Dom Sabino era as de progenitoras. Na sequência, quando Eliseu e o marido de Dona Agustina debatem sobre a beleza feminina apresentada atualmente e no século de origem de Dom Sabino, o discurso do último abarca a realidade das mulheres de seu tempo. “Tinham cinco, seis filhos, tornavam-se mães muito jovens, em pouco tempo já eram avós! Lindas mocetonas viravam matronas, cheias de carnes, trancadas em casa, sem ver a luz do sol”. Ao ouvir isso, Eliseu aponta para o amigo que o declínio vivido pelas mulheres era causado pelos próprios homens, sendo apoiado em sua lógica por Dom Sabino. “Os homens sempre venceram pela força, Eliseu, guerrearam. Nós, varões, sempre fomos brutos. Às mulheres coube o honrado papel de nos apoiar, de cuidar dos filhos, da casa...”. Nestes momentos, o descongelado mais uma vez traz em suas palavras os traços histórico-sociais que formaram o seu modo de pensar. A restrita variedade



10º Siepex Salão Integrado de Ensino,
Pesquisa e Extensão da Uergs

20
anos



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

de encargos destinados às mulheres era algo natural do seu ponto de vista. Assim como constatado pelo discurso de sua esposa, a mulher deveria ficar num posicionamento secundário, na retaguarda do marido, sendo uma espécie de pilar do ambiente doméstico enquanto aos homens era destinada maior liberdade de ações. Podemos atribuir tal configuração à soberania patriarcal na sociedade do século XIX, que influenciou no modo como as famílias se constituíram e na dinâmica apresentada pelos membros que formavam essa instituição social.

Com relação ao discurso proferido por Menelau nos instantes seguintes ao seu descongelamento, notamos os traços marcantes de sua constituição como sujeito escravizado do século XIX. Seu despertar ocorre quando a Dr.^a Petra Vaisänen iria iniciar um exame invasivo no corpo do cachorro congelado junto com os demais personagens para fins científicos e ele coloca-se no papel de impedir que tal procedimento fosse realizado. Após ser surpreendida pelo rapaz, a doutora pergunta “Como é seu nome?”. Em resposta ele diz “Menelau... Menelau dos Sabino Machado. E o cachorro é o Pirata. É das crianças.” A partir desse trecho percebemos uma correlação arraigada na mentalidade do personagem entre a sua pessoa e as posses da família de Marocas. Assim como o cachorro pertence às crianças, ele faz parte das inúmeras propriedades acumuladas por Dom Sabino. Desse modo, seu frágil senso de individualidade é posto em evidência, relatando a maneira como vários negros na época eram forçados a assumir a identidade de escravizados, servindo de apenas mais um item acumulado pelos senhores brancos. Se na fala inicial de Menelau já podemos fazer tais inferências, o diálogo próximo expande essa questão e aproxima o telespectador de um entendimento maior sobre a situação em que o personagem encontrava-se até então. Ao ser levado a sala da cientista Petra para conversar com a Dr.^a Helen Azeredo, psiquiatra da Criotec responsável por minimizar o impacto sentido pelos personagens congelados ao se depararem com o nosso século, Menelau sente a urgência em sair daquele local e voltar para a fazenda em que vivia escravizado. Ao ter sua permissão para persuadir tal intento negada por Petra, o personagem indaga a mesma sobre a sua relação com ele. “A senhora... é minha dona, agora? Eu pertenço à sua pessoa? A senhá me comprou de dom Sabino?”. Ao observarmos o discurso construído, outra vez notamos como o rapaz assimilou com veemência a sua condição social de escravizado e principalmente a de propriedade de alguém. Não houve por parte do personagem uma preocupação com um novo cerceamento de sua liberdade, mas sim uma ânsia por saber se houve qualquer mudança no detentor da posse de sua pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÕES

A telenovela *O Tempo Não Para* mostrou-se um objeto de estudo ímpar no campo da Análise do Discurso. Por meio das falas proferidas pelos personagens oriundos do século XIX e trazidos para o ano de 2018, somos presenteados com a possibilidade de captarmos com precisão como o contexto histórico-social influencia a constituição do sujeito e suas produções verbais. A cada colisão de pensamento entre os congelados e as demais figuras que completavam a narrativa de Mário Teixeira encontramos uma nova leva de discursos que abordam temas diversos, como a notável mudança no papel exercido pelas mulheres na sociedade, dentre outros.

REFERENCIAS

- ORLANDI**, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012
- _____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX**, Michel. **A análise automática do discurso**. (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.); Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990.
- BRANDÃO**, Helena Hathsue Nagamine. **Analisando o discurso**. Portal da Língua Portuguesa. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.